

Elipses entre folhas

“Lembram-me que estamos no inverno, uma estação na qual, supostamente, o ser humano passa frio (...) Do ponto de vista dos meus sentidos, sou um pedaço de madeira limpa que tem essa forma específica que servirá até que apodreça (...) Não pode o corpo defender-se contra o frio com sua própria nudez? (...) Faço uso de mim mesmo como de qualquer parte da natureza e, talvez por pura indiferença e descuido, consigo cortar a madeira.

(Henry D. Thoreau, Diários, 7 fev. 1841)”

No início, havia um primeiro gesto, um desejo de Guto Lacaz de materializar uma grande espiral de papel. Ao redor dessa estrutura geométrica, central e autoportante, a dupla de artistas portugueses Daniel Moreira e Rita Castro Neves idealizaram uma série de pequenas ações coreográficas e pontuais realizadas na casa que hoje abriga o Consulado Geral de Portugal em São Paulo e no seu jardim, desenhado por Roberto Burle Marx nos anos 1940. Nas semanas que antecederam a inauguração da mostra, foram diversos os movimentos circulares, concêntricos e elípticos entre os artistas, os espaços e este contexto.

Ao entrar na exposição temos a sensação de participar de alguma forma do processo de construção das obras. As estruturas estão à mostra, compreendemos muitas das ações empreendidas pelos artistas e identificamos as referências e os locais presentes nos trabalhos. No entanto, talvez muito não esteja visível.

A ação de orbitar, imagem utilizada como título, significa andar à volta de algo, estar na esfera de ação ou de influência de alguém ou algo. Uma órbita conecta dois corpos distantes no tempo-espaço e também pode ser uma trajetória curva que um corpo percorre ao redor de um ponto, sob ação de uma força. Designa ainda uma cavidade do esqueleto da face humana onde estão inseridos o olho e outras estruturas relacionadas com a visão e o choro.

“Órbitas” parte de “um andar à volta”, não no sentido de desvio e fuga, mas de um tempo dedicado ao lugar que abriga este projeto e àqueles que nele passam e permanecem. As obras nascem e dialogam com a arquitetura, os jardins e o cotidiano desta instituição de representação portuguesa em território brasileiro. Os trabalhos materializam-se a partir de movimentos horizontais, lentos, coordenados e em conjunto.

Na rotina apressada do Consulado Geral, entre vistos e passaportes, Daniel e Rita acabaram por fixar o olhar em outro tempo, no tempo da natureza, no movimento e no cair das folhas e naquele que delas cuidava com tanto carinho e dedicação. Arlindo de Jesus conhece todas as espécies do jardim projetado pelo paisagista moderno Roberto Burle Marx e seus nomes científicos. Ele foi um cúmplice dos artistas.

Logo na entrada do edifício nos deparamos com uma imagem horizontal em movimento, um corte: um par de pernas, um regador vermelho e um balde verde. A tradicional bandeira portuguesa é, aqui, substituída e materializada por dois instrumentos comuns, invisíveis e distantes das dinâmicas oficiais. Não vemos o todo deste corpo, apenas um fragmento que realiza uma ação muito precisa, passar água de um recipiente ao outro ad infinitum. A ação, à primeira vista um tanto absurda ou talvez metafórica, nasce da observação das atividades empreendidas por Arlindo no seu dia-a-dia e da sua preocupação em evitar desperdícios.

Uma vez na sala central, encontramos três esculturas de papel de Guto Lacaz. Suas linhas e curvas são determinadas pela fibras do material vegetal, em um equilíbrio frágil. São como exoesqueletos, estruturas vivas. O cheiro das árvores que deram origem às folhas industriais também ocupa a sala. A construção das peças é feita a partir de uma dança, uma ciranda a dez mãos, na qual a cadência dos passos é coordenada para não danificar o papel. A obra, então, só existe no coletivo, no fazer junto. O ritmo das peças é antecipado e ressaltado por um vídeo de Rita e Daniel. Nele, Daniel roda de maneira mecânica uma folha de árvore. O chicotear da planta no chão e no ar provoca um desenho espacial e sonoro circular.

Em outro vídeo da dupla, o stop-motion “Orquestra”, vemos Daniel de costas regendo as árvores do jardim do Consulado. A tradicional batuta do maestro é substituída por duas folhas de Pândano que prolongam os braços do artista e bloqueiam a sala onde a obra é exibida. A mescla entre humor e absurdo nos faz pensar com ironia na ilusão humana de domínio da natureza. Em outra pequena peça, o interior e exterior do espaço expositivo são conectados por duas folhas secas de distintas espécies em uma junção que só poderia ser feita por mãos humanas. A linha orgânica formada pelas folhas em balanço direciona nosso olhar à última obra da exposição, um trampolim geométrico de madeira sem possibilidade de uso instalado em uma piscina em que ninguém entra desde que o edifício que hoje abriga o Consulado teve sua função residencial modificada.

Nas elipses espaço-temporais das obras, “Órbitas” materializa uma discussão sobre a continuidade e a descontinuidade entre os seres vivos do planeta. Nos faz pensar nas armadilhas lógicas que residem na falsa dicotomia e nas oposições entre natureza e cultura, natureza e ser humano, baseadas em algo mais geral, como Norbert Elias enuncia em seu último livro Teoria simbólica [The symbol theory (1991)], que é a tendência usual de nosso tempo em “apreciar diferenças como oposições”.

Numa época de assentamento dos fundamentos de uma crítica profunda ao especismo, ou seja, a atribuição de valores ou direitos diferentes a seres dependendo da sua afiliação a determinada espécie, devemos nos perguntar sobre como incluir nessa crítica a maneira como pensamos, exploramos e afetamos o resto dos seres vivos, entre eles os vegetais. Basta lembrar dos recentes incêndios na Amazônia, ainda em chamas, para entender que nossa vida está ligada às plantas por canais invisíveis resultantes de influências físicas mútuas - órbitas - que reverberam e influenciam, inclusive, nas nossas instituições políticas, econômicas, sociais e culturais e na vida de outros animais.

A mostra, de alguma maneira, torna visíveis esses intervalos sensíveis — cada vez mais invisíveis— entre a vida vegetal e humana, as folhas frescas e secas do jardim, e sua transformação em produto industrial a serviço de uma cultura. A própria folha que seguramos na mão neste momento, ao ler este texto, é uma expressão desse circuito de exclusões e ignorâncias. A partir de uma série de operações, baseadas em algo tão humano e típico da nossa época quanto a montagem, os artistas revelam o caminho apagado ou ainda não percorrido que leva de um para outro. De uma folha à outra, de um corpo ao outro.

Isabella Lenzi